

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2007

Orientador: José Maria Gómez
Aluna: Roberta Gonçalves Dutra

Introdução

O Fórum Social Mundial (FSM) é movimento que se caracteriza por ser um espaço aberto a ampla difusão de idéias de organizações e movimentos de todo mundo, que se mostram contra as políticas neoliberais e todas as formas de imperialismo e opressão existente atualmente, contra a globalização hegemônica.

A globalização hegemônica pode ser caracterizada como um movimento econômico, cultural e político, e que defende uma concepção economicista das relações humanas e do bem público. E é hegemônica porque defende estes postulados de maneira dominante, sem questionamentos ou críticas a eles no que diz respeito aos diferentes contextos culturais e históricos.¹

Depois da realização do primeiro fórum mundial, que ocorreu em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, o resultado do evento criou expectativas que fizeram dele um movimento permanente, inclusive se fazendo necessária uma Carta de Princípios². Tal documento tem o propósito de orientar aos organizadores e participantes que darão continuidade ao processo, para que não se extraviem dos princípios fundamentais que deram origem ao movimento, bem como o motivo de sua criação.

Em suas primeiras edições (2001/2002/2003) o Fórum foi realizado no Brasil, em Porto Alegre. O responsável pela sua organização foi um comitê organizador (CO) que era formado por algumas entidades brasileiras: Abong, Attac, CBJP, Cives, CUT, Ibase, MST e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Mas para a quarta edição, realizada em Mumbai (Índia), foi criado um Comitê Organizador Indiano³.

No V FSM, que voltou a ser realizado no Brasil, constituiu-se um Comitê Organizador Brasileiro, formado por 23 instituições e divididas em 8 grupos de trabalho (GTs).

O sexto Fórum foi policêntrico e aconteceu em três lugares distintos: Bamako (Mali-África), Caracas (Venezuela - América) e Karachi (Paquistão - Ásia), com seus respectivos Comitês Organizadores.

Para apoiar o movimento, existe um Conselho Internacional (CI) que é formado por 129 organizações e diversas comissões: Metodologia, Conteúdo e Temáticas, Expansão, Estratégias, Recursos, Comunicação. Ele é responsável por questões políticas do movimento, decisões de local de realização e rumos que o mesmo irá seguir, e também a metodologia que será adotada.

O Fórum Social Mundial Hoje

A nova edição do Fórum Social Mundial 2007 em Nairóbi/Quênia, realizado nos dias 20 a 25 de janeiro, voltou a destacar aspectos fundamentais como os direitos humanos e a igualdade social. Mas desta vez, como se encontra realizado na África, seu tema foi centralizado nos principais problemas que assolam o continente como HIV/AIDS, pobreza,

¹ Esta descrição de globalização hegemônica é resultado de vários estudos realizados e reunidos pelos organizadores André-Jean Arnaud e Eliane Botelho Junqueira no livro Dicionário da Globalização. A bibliografia pode ser encontrada na lista de referências.

² A Carta de Princípios completa pode ser encontrada no site oficial do Fórum Social Mundial, na seção Carta de Princípios contida nele, o qual o endereço se encontra nas referências deste relatório.

³ Maiores informações sobre a forma de organização do Fórum estão disponíveis no site oficial do FSM, seção Quem organiza.

dívida externa, neocolonialismo e os conflitos armados, além é claro de outros temas pertinentes como a utilidade prática do Fórum, a participação das mulheres neste mesmo, etc.

Fazer este evento na África, um continente que mostra mais claramente o resultado desta política de globalização em termos sociais, econômicos, culturais, ambientais, não só significa um grande desafio, mediante a todas as dificuldades materiais, mas também uma conotação política e simbólica. Neste continente, que tanto foi explorado e dominado por uma minoria que lhe fazia acreditar no que não era real, a resistência serve de modelo e inspiração para a continuação das lutas contra este sistema injusto e desleal.

As linguagens do FSM sempre foram defensivas, como mesmo diz Immanuel Wallerstein⁴. Eram palavras que visavam denunciar os defeitos do Consenso de Washington, a OMC que sempre procura legislar o neoliberalismo, o FMI que oprime países periféricos e abre passagem para o fluxo de capitais quando força a privatização... Enfim, eram ações que buscavam conscientizar a sociedade civil mundial que este tipo de política estava errada, e que o sistema atual não vai fazer com que isso acabe porque não é de seu interesse que acabe.

Por consequência disso, o grande desafio do Fórum e talvez o maior deles, sempre foi mostrar para todos que não se trata de um simples evento isolado. Muitos acreditam, segundo Anuradha Mittal⁵, que o Fórum seja um encontro anual de caráter turístico, que oferece uma oportunidade para as ONGs profissionais possam recorrer ao mundo, mas que não possuem verdadeira força e planos de ação que assegurem um outro mundo, melhor para todos.

Ainda criticam o fato de o FSM se colocar contra o capitalismo e suas políticas neoliberais (causas do Fórum Econômico Mundial), e ao mesmo tempo se relacionar com este sistema que é contra.

Demonstrar que o FSM é um processo e que suas ações são ofensivas, ativas e que geram resultados rápidos, positivos e extremamente importantes é algo difícil de fazer, mas o movimento já conseguiu algumas conquistas.

Até mesmo por este tipo de crítica, foi muito debatido a questão deste processo continuar a ser um espaço aberto, com a maior diversidade e pluralidade de idéias possíveis ou se tornaria uma ação política planejada, estruturada.

Para uma parte, maioria europeus, o evento deve se transformar em instrumento de ação política, porque sem este comprometimento todo o movimento não será capaz de causar mudanças. Mesmo com um bom ideal, não há demonstração de resultados práticos no que tange aos objetivos traçados. Para eles, isso pode ser um reflexo da pluralidade de propostas e discussões sem uma centralização. No entanto, esta pluralidade é fielmente defendida pelos brasileiros, que acreditam ser ela o motivo de um bom resultado advindo dos debates do Fórum, e que também não desejam ver o evento ligado a governos e partidos políticos.

O resultado foi que deveria conter as duas linhas: continuar um espaço onde diversas idéias possam confluir, de forma que a pluralidade mostre o melhor caminho para as decisões a respeito de toda a humanidade (composta de pessoas distintas), e ao mesmo tempo encorajar aos participantes que queriam organizar reuniões do Fórum para realizar ações políticas.

Está certo que FSM quer transformar o mundo existente dando ênfase às pessoas, aos direitos humanos, à justiça social, ao desenvolvimento sustentável, à democracia e paz. Mas de que forma pretende fazer isso? A resposta é simples. O objetivo é conectar organizações, criando redes para ganhar força e poder social e político. E o Fórum tem poder e está preparado para construir em nível global.

⁴ Immanuel Wallerstein menciona em sua memória no site oficial do Fórum Social, que neste último evento as linguagens defensivas foram reduzidas em razão de sua plena aceitação.

⁵ Mittal fala em sua memória do último Fórum, sobre a dificuldade que existe dos integrantes do FSM em mostrar para o mundo que se trata de um movimento sério, e não de um espaço para oportunistas que não possuem força de ação e integração mundial.

Os eventos realizados anualmente, locais e regionais abrem espaço para as organizações realizarem atividades e articulações com outras organizações, reforça atuações e vão gerando resultados, transformações que podem ser observadas claramente: como a mudança do mapa político da América Latina em poucos anos, Carlos Menem era uma figura de destaque em Davos; A grande preocupação com a defesa do meio ambiente e com o aquecimento global eram coisas referentes a ativistas radicais e ultrapassados; E não havia preocupação com a escalada militar antes da Guerra do Iraque.

É por isso que nesta edição, o Fórum realizado na África suscitou reivindicações históricas como a do povo do Sahara ocidental em luta por sua independência, e novas reivindicações como a do HIV/AIDS e o direito a água.

Até este momento os movimentos africanos estavam deslocados do movimento altermundista, era necessário que eles também estivessem ligados e articulados a esta grande rede. E levando-se em consideração a grande dificuldade que existe naquele continente, e nenhuma ajuda do governo, conseguiram realizar um evento de grandes dimensões com grande organização.

É claro que existiram pontos de grandes divergências, porque o comitê organizador preferiu não contar com o trabalho e energia de voluntários dos movimentos keniannos, e sim contratar empresas privadas para preparação do evento, tudo foi comprado ou alugado. Os organizadores até firmaram contrato com uma cadeia de telecomunicação, dando exclusividade para a transmissão. Além de tornar este evento em um relação de mercado, totalmente oposto aos pressupostos e ao espírito do Fórum Social Mundial, ainda gerou gastos elevados, encarecendo os custos, que foi repassado para os participantes do evento, e inviabilizou a participação da população local.

Logo no início do evento houve manifestações a respeito do alto valor do ingresso e da alimentação. O credenciamento para o FSM custava U\$ 7,00 que corresponde a pouco mais de 15 reais. Para muitos ativistas que puderam participar do Fórum este valor não tinha tanta significância, mas para uma população na qual mais de 56% vivem com menos de U\$ 1,00 por dia, essa taxa é uma inviabilidade total.

Para um processo contra-hegemônico, como é o FSM, cujo objetivo começa por conscientizar e mobilizar a sociedade sobre seus direitos, algo que limite a participação civil parece no mínimo um contra-senso. É claro que um evento como esse é muito dispendioso, e que como afirmou um dos organizadores, Oduor Ong'wen, era uma questão de segurança. Entretanto, deveria ter empregado outro esquema para solucionar este impasse.

O problema tem um contexto ainda maior, se fizermos um paralelo entre o que foi divulgado nas atividades apresentadas e a realidade ali presente. Para que se possa visualizar melhor, tomemos como exemplo o que diz a palestrante Maria Pia Matta em sua apresentação no Globalization, communication rights, democracy e social movements, quando afirmou que os movimentos sociais deveriam incorporar a lógica política do FSM: a igualdade social, os direitos humanos... Que estes movimentos acompanhem e entendam a importância da democracia participativa, e a assistência aos meios comunitários pelo setor da comunicação e outros aspectos. Como isto seria possível, mediante a falta de recursos financeiros ser um obstáculo quase intransponível para que os próprios movimentos comunitários absorvam e divulguem essas idéias?

Em uma entrevista divulgada no site Carta Maior, no último dia 20 de janeiro, Julius Shiyorzo, líder comunitário da favela de Mukuru nas proximidades de Kibera, afirma que como ele, são poucos os que poderiam participar, e que depois, eles não teriam recursos para realizar reuniões e disseminar o conhecimento assimilado durante os debates. Esperar que os meios de comunicação se mobilizassem para esta divulgação, nestes setores mais pobres da sociedade é uma ilusão. Esses mesmos meios de comunicação necessitam ser pressionados substancialmente pela própria população, criando um círculo vicioso. Tendo em vista a

própria ideologia proposta pelo Fórum, propiciar que no mesmo possa haver a participação gratuita da população local, de forma organizada, seria ideal para esta conscientização em massa.

Na verdade, a essência do Fórum é o fato de se tratar de um intercâmbio de movimentos, e não uma hierarquia com algum conteúdo político. Tratá-lo como tal, distorceria a proposta pela qual foi criado, que é justamente combater a uma hegemonia globalizada. Portanto, é perfeitamente possível obter êxito em suas propostas, por meio de uma organização democrática interna. Como disse Boaventura Sousa Santos (sociólogo e professor da Universidade de Coimbra), que afirmou em entrevista ao site Folha Online, ter o Fórum introduzido no âmbito internacional assuntos como pobreza, perdão de dívida, e tema ecológico. Também já produziu grandes efeitos em escalas nacionais, como por exemplo, é resultado do Fórum a política externa do governo Lula. O desafio é transformar esta realidade em escala global.

Um dos principais objetivos do Fórum é avaliar esta constante situação de conflito que aflige o continente africano. Essa visão de região vulnerável a disputas étnicas e religiosas pelo poder, e que necessita de uma permanente intervenção internacional, faz com que a África se torne um instrumento de dominação econômica e militar convenientemente articulada pelos EUA e Europa. Estes possuem um interesse muito além pacificação: recursos naturais (minérios e petróleo).

Essa estratégia de se utilizar de mecanismos para fragmentar a região em Estados pequenos e fracos já vem sendo utilizado há tempos, desde a criação de Israel. Dessa forma, são incitados esses conflitos que desencadeiam guerras civis, destruindo a unidade política interna do país e propiciando a dominação desejada.

Um exemplo disso é a ocupação do Iraque, que atualmente possui dezenas de agrupamentos militares, apesar de seu foco de conflito estar centralizado entre xiitas, sunitas e curdos, e são financiados não só pelos EUA como por países vizinhos.

Em nome da segurança pública, o governo central (também faccionado) não assegura os direitos humanos e sociais da população. Por este motivo, começa a se fortalecer partidários de Saddam Hussein e Al Qaeda.

O próprio processo constitucional institucionalizou divisões étnicas e religiosas, não permitindo uma transição entre o regime de ocupação e a instituição de um novo governo.

Toda essa fragmentação de lutas pela resistência contra ocupação, e o aumento do poder fundamentalista resultou em uma “onda” de violência constante, atingindo a população e aos ativistas estrangeiros que na tentativa de apoiar são seqüestrados. A consequência é a diminuição da solidariedade internacional, o que apenas agrava a situação já caótica.

Visto por esse prisma, nasce a necessidade de se manter esta solidariedade internacional, e utilizar a opinião pública para demonstrar a insatisfação e influenciar positivamente, pressionando as superpotências e modificando esta situação. Se estes países podem utilizar a mídia para manter as aparências segundo seu próprio interesse, podemos fazer o mesmo para denunciar e transformar este cenário precário em justiça social.

Também era um tema recorrente nos debates do FSM, um comércio justo entre a União Européia (UE) e suas ex-colônias na África.

A UE deseja que sejam assinados rapidamente os Acordos de Parceria Econômica (EPA), criando uma área de livre comércio entre ela, a África, Caribe e região do Pacífico.

A questão é bastante divergente, principalmente na área da agricultura, atividade que produz muita riqueza africana. Alguns acham que não deveriam fazer acordos (bem previsível por causa da desconfiança gerada pela postura da Europa e EUA), e outros acham que havendo mudanças nesses acordos, eles poderiam ser interessantes para os agricultores.

Organizações de agricultores e camponesas pedem espaço para negociar, e acreditam que pode ser benéfico até mesmo para os trabalhadores, se durante essa abertura comercial forem tomadas medidas protecionistas.

Na verdade, esse debate da questão comercial só amplia a possibilidade de países pobres poderem ter seu espaço no contexto internacional. E quanto mais tempo demorarem as negociações, melhor será para os países da África, que podem conseguir vantagens, ou prevenir desvantagens.

As conseqüências de uma má negociação poderiam ser catastróficas, como por exemplo, a importação de produtos agrícolas com a alta tecnologia da Europa. A produção interna não podendo competir com esses produtos poderiam ser totalmente desestruturizados. Tendo boa parte dos países africanos, uma porcentagem de 60% da população vivendo da atividade agrícola, este é um caso muito delicado e passível de discursões. E os parlamentos nem ao menos sabem o que acontecem, porque não estão envolvidos nas negociações. Eles precisam tomar parte de toda a questão, para que se possa garantir uma maior segurança nas transações. Esse também é um papel do Fórum Social.

Essa questão serve de exemplo para os demais países periféricos do mundo, principalmente em um evento que surgiu como contraponto para o Fórum Econômico Mundial, realizado simultaneamente.

É necessário que os demais países tomem consciência das posturas que devem assumir, porque a mão-de-obra que sustenta a base econômica dos países desenvolvidos é justamente oriunda dos países subdesenvolvidos. O que acontece é justamente uma questão de sustentabilidade: As potências mundiais são potências porque exploram os países subdesenvolvidos para manter essa hegemonia. E ao se manterem no alto, aumentam as relações de dependência, a exploração e conseqüentemente, as mazelas dos países desprivilegiados.

O pior de todo esse quadro é que ele vem disfarçado sobre um aspecto de liberalismo, o capitalismo neoliberal. E é por esse motivo que é necessário se fazer presente quando esse tipo de relação entre organismo mais forte e organismo mais fraco acontece. Para tentar fazer disso uma relação mais igualitária. Esse “mecanismo” de igualdade pode começar a ser feito, por exemplo, nestas negociações comerciais entre a Europa e a África.

Mas com a política capitalista neoliberal existente, por maior que sejam as articulações que um país periférico tenha com os chamados desenvolvidos, essa relação faz com que o mais fraco encontre-se frente a uma concorrência desleal. Mediante barreiras comerciais impostas pelos países mais fortes, também acontece que a pressão exercida sobre essas potências é um grande passo para elas se verem obrigadas a satisfazer várias demandas pendentes. O FSM busca ganhar um espaço maior nos meios de comunicação, pois acredita ser uma alternativa viável para romper com esse ciclo.

Um dos assuntos também relacionado com estes movimentos de resistência, foi a reforma agrária africana, lançado pelo movimento internacional de trabalhadores rurais Via Campesina, que no Brasil articula movimentos como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

No entanto, na África ele terá um contexto diferente do internacional: a questão não será a distribuição de terra (a qual tem 80% ocupada por camponeses), e sim fazer resistência a privatização e ao modelo de monocultores de *commodities* que tem se acelerado.

Influenciado por Washington, os setores básicos como água, energia e também a terra foram privatizados, e agora o setor agrícola que abastecia o consumo interno, passou a ser destinada à exportação. A alimentação na África é feita basicamente de produtos importados, influenciando demasiadamente na economia do continente, e em sua relação de dependência internacional. Exemplos como estes ressaltam a importância e a urgência deste movimento de resistência.

A AIDS teve um grande destaque neste Fórum, e desta vez não só pelas conseqüências que acarreta no continente, mas pelo foco das iniciativas de combate contra ela: Os governos africanos decidiram tomar a frente do combate à doença, e não esperar pelos recursos internacionais que são insuficientes.

Mais de 60% da população contaminada pelo vírus HIV está localizada no continente africano, e seus doentes encontram-se na faixa de 15 a 50 anos, afetando a força de trabalho e conseqüentemente o desenvolvimento econômico. Em lugares mais pobres, uma a cada cinco crianças são chefes de família porque se tornaram órfãos de pais (vitimados pela AIDS), aumentando ainda mais a miséria no país.

A epidemia já alcançou uma dimensão tão grande, que o instituto Wordwatch fala até em uma mudança demográfica futura no continente. Segundo o professor Kihumbu Thairu, da Faculdade de Medicina da Universidade Moi, do Quênia, o vírus pode ser pior que o tráfico negro e o colonialismo juntos. Aproximadamente 500 africanos são contaminados por dia.

Agora, os países pretendem deixar de ser omissos e se empenhar para combater a doença. Mas será uma grande batalha, porque atualmente cerca de um bilhão de dólares são arrecadados da ONU por ano, provindos de um fundo destinado ao combate à AIDS. Entretanto, de acordo com a UNAIDS, seriam necessários mais de 18 bilhões, só em 2007.

Como se pode ver, o desafio é grande, mas existem formas de tentar superá-lo. A organização Médicos Sem Fronteiras acredita na quebra das patentes dos medicamentos utilizados no tratamento, e outra alternativa é cobrar investimentos do governo nesta área.

Mas há quem veja outras soluções, como no caso de algumas organizações não governamentais ao lembrarem que somente com o pagamento da dívida externa são pagos 15 bilhões de dólares ao ano, o que poderia ser remanejado para o pagamento das despesas da doença.

De fato, se os governos dos países desenvolvidos estivessem verdadeiramente empenhados em apoiar a África nesta empreitada solidária contra a AIDS, o perdão das dívidas a estes países assolados por todas estas moléstias, não significaria a ruína daqueles. A pressão é ainda maior para que se acabe com a dívida externa, porque os recursos doados já vêm destinados a fins que, muitas vezes, não são condizentes com aquela realidade.

A participação das mulheres no Fórum foi outro aspecto bastante positivo. Diferente das edições anteriores, elas estavam presentes em todos os espaços de discussão como debates e protestos contra acordos de livre-comércio. Isso representa um ponto bastante importante e que deve ser repassado para todos os demais eventos.

As mulheres têm se destacado como líderes de movimentos e representam importante papel na democracia. Através de organizações feministas, elas lutam para construir um novo pacto social e pela mudança na estrutura das vidas das pessoas. Elas questionam as relações de poder e reivindicam o reconhecimento das diversidades em suas manifestações. Neste sentido, as mulheres representam um importante instrumento de conscientização da “paz com justiça e igualdade”, como diz o próprio slogan da organização Nobel Women’s Initiative, criada por seis ganhadoras do prêmio Nobel da Paz e que palestravam em painéis do Fórum Social.

O Fórum Social Mundial obteve uma participação de aproximadamente 70.000 participantes, que assistiram a mais de 1000 atividades distribuídas entre palestras, debates, mesas redondas, painéis... Mas a grande novidade desta edição é que o último dia foi dedicado a elaboração de propostas de campanhas de mobilizações em 2007, elaboradas pelas próprias redes internacionais durante o fórum.

O resultado da reunião do Conselho Internacional em Nairóbi é que ficaram decididas algumas metas para o ano de 2008. Dentre elas que será realizada uma grande quantidade de eventos, mobilizações e fóruns possíveis no mundo inteiro, que seriam interligados através dos dia 26 e 27 de janeiro. Esses encontros servirão para acelerar a expansão do processo no

mundo e reforçarão ainda mais as redes de organizações; O slogan geral será “Um outro mundo é possível/em construção” que seria decidido na próxima reunião do conselho; As ações e propostas darão continuidade ao que foi debatido em Nairóbi (principalmente no equivalente aos planos de ação e propostas do quarto dia); E finalmente que as atividades deverão se enquadrar ao espírito do processo do FSM, ou seja, de caráter aberto, inclusivo e plural e estar de acordo com sua Carta de Princípios.

Também houve uma declaração do Fórum de Autoridades Locais (FAL) de Nairóbi, afirmando que o FSM ter sido realizado em Nairóbi representou uma boa oportunidade para se estabelecer laços entre poderes locais e movimentos sociais africanos. Declararam-se convencidos que desde os poderes locais desenvolvem-se práticas e experiências frente às lógicas neoliberais de exclusões e dominações. E que as autoridades locais estavam participando do movimento de contestação contra estas lógicas neoliberais e que, para tanto, necessitava de uma aliança entre estas autoridades e os movimentos sociais.

A partir desta declaração firmaram uma agenda de compromissos, na qual os governos locais se comprometeriam, de forma compartilhada e co-responsável, a colaborar com a Rede FAL. Tal colaboração se daria assumindo determinadas tarefas como a articulação da relação com o FSM, com as redes locais e continuação do desenvolvimento da Rede FAL para sua expansão, abertura e diversificação.

A FAL, em contrapartida, comprometeu-se em vincular-se ao FSM e apoiar a jornada de mobilizações de janeiro de 2008.

O Conselho Hemisférico do Fórum Social Américas

Paralelamente ao Fórum Social Mundial se realizam alguns eventos, que tem um vínculo muito importante porque funcionam como “braços” do Fórum e fazem parte de todo este processo contra-hegemônico.

Um destes eventos foi a reunião do Conselho Hemisférico do Fórum Social Américas (CH-FSA) na Guatemala, realizado de 26 a 31 de março, que objetivava particularmente dar início a construção do processo do Fórum Social Américas 2008. Mas além disso, também foi discutidos outros assuntos pertinentes ao Conselho Hemisférico como o Fórum Social Estados Unidos, que aconteceu de 27 de junho a 1º de julho em Atlanta, e o Fórum Social de Tríplice Aliança.

No que diz respeito ao âmbito mundial garantiu apoio às mobilizações de 2008 e contribuição à escolha da nova sede para o FSM em 2009.

Não foram escolhidas de forma aleatória a data e o local do acontecimento desta nova reunião do CH. Na verdade, a intenção era estar presente na III Cúpula Continental dos Povos e Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, estreitar laços com este processo para uma ação conjunta de resistência e alternativas ao neoliberalismo. Concomitantemente, previa ampliar e aprofundar com as organizações e entidades da Guatemala, tendo em vista o próximo evento do FSA que lá acontecerá. Os dois objetivos intencionados foram atingidos com sucesso.

De acordo com esses planos, no dia 26 o FSM participou da abertura da Cúpula, e no dia 29 foi realizada a reunião do CH para propiciar a participação de delegados de povos indígenas, e em contrapartida, marcar presença nas conclusões da Cúpula. Dessa forma, no dia 30 foi anunciado o III FSA 2008, destacando a Cúpula a participação no processo FSM-FSA e fortalecendo os laços dessa relação. Ainda tivemos uma reunião no dia 27 com um forte grupo de delegados do movimento social do país, e no dia 28 foi realizado um painel sobre Movimentos sociais nas Américas, com presença de integrantes do CH e gerando além de conhecimento, compromissos entre o processo continental e a sede do III FSA.

Neste evento foram abordados diversos pontos importantíssimos pelo Conselho Hemisférico. Dentre eles podemos destacar a análise de conjuntura, o balanço da participação no FSM 2007 em Nairóbi, a participação na agenda 2007-2008, a agenda continental: com os

fóruns que estão para acontecer como o nos Estados Unidos, na Tríplice Fronteira e outros, o III FSA no que diz respeito as suas primeiras definições na organização e os avanços que já foram obtidos em relação aos planos do III FSA.

Em consequência de tais assuntos abordados foram firmados alguns acordos.

Um desses acordos foi a data do III FSA Guatemala 2008 (que deverá ser definida pela sede até no máximo 15 de abril, e a mesma analisada pelo CH, que aproveitará o enchejo da participação de diversos integrantes do Conselho Hemisférico em eventos de suma importância que lá ocorrerão neste período e obter decisão até fim de maio por sua data).

Outro acordo foi a formalização do espaço Fórum Social Américas – Guatemala, com a criação do Grupo Facilitador Guatemalteco (GFG) que agirá em ação conjunta ao CH, para a organização do III FSA. Os integrantes deste grupo deverão fazer parte de organizações e articulações guatemaltecas ligadas ao Fórum e de integrantes do CH, com equilíbrio étnico, de gênero, regional, setorial, e ainda que fossem formadas comissões de trabalho que atuem junto às comissões do CH.

E no intuito de reforçar o processo do Fórum mesoamericano, será buscada uma ampliação de diálogos e compromissos com organizações e redes da região, inclusive no caso hemisférico, a inclusão de uma entidade do CH com uma pessoa da região às reuniões, para o fortalecimento do processo com presença compartilhada.

As comissões do CH (Comunicação e de Metodologia e Conteúdos) serão reativadas para trabalhar nas inovações deste novo Fórum e avançar muito mais o processo.

E ainda foi acordado o apoio ao I Fórum nos Estados Unidos, no qual o Grupo de Trabalho já constituído se empenhará em algumas funções. Dentre elas circular nas listas em nível mundial uma carta-convite, promover a divulgação da carta-convite por organizações regionais para incentivá-los ao compromisso com o processo, promover um envio de chamado à mobilização assinado por personalidades intelectuais e artísticas dos EUA e circulado entre listas de lá e daqui. Ainda está previsto o avanço na programação da tenda FSA durante o Fórum, referência para organização do CH e as organizações do continente que decidam propor algo.

Apoiaram também a realização do Fórum da Tríplice Fronteira em sua nova fase.

No que diz respeito ao FSM, confirmaram seu comprometimento em impulsionar a grande jornada de 2008, em sua ampla divulgação em nível mundial. E a começar pela regional (com presença massiva nas ruas, complementação do slogan para enfatizar mais o processo especificamente, associar este slogan com temas de lutas regionais e locais, refletir as estratégias políticas e midiáticas, chamar atenção das organizações guatemalteca e mesoamericana para o III FSA) e claro, fazer dessa mobilização uma crítica ao neoliberalismo, à guerra e a dominação imperial.

Como já começaram os debates sobre a nova sede do FSM 2009, está acontecendo o intercâmbio de propostas virtualmente, e se aproveitará o Encontro de Havana para diálogos entre integrantes do CH.

Na III Cúpula também foi anunciada a constituição da Coordenação Continental dos Povos e Nações de Abya Yala, que integrará o CH para reforçar o processo.

O Fórum Social Estados Unidos

Um outro evento ligado ao FSM é o Fórum Social dos Estados Unidos (FS EUA), que ocorreu do dia 27 de junho a 1º de julho em Atlanta, Geórgia.

O evento contou com a participação de aproximadamente 10 mil pessoas dos Estados Unidos, e também cerca de 400 delegados representantes de 68 países.

Com o slogan de que “se outro mundo é possível, outros EUA são necessários” começaram a marcha com 6 mil pessoas, que terminou no Civic Center, onde aconteceram as plenárias do FS EUA.

Uma difícil tarefa é tentar transformar esta grande superpotência, mas o Fórum nos Estados Unidos já começou seu segundo dia protestando contra a exploração do trabalho de imigrantes, como vários imigrantes ilegais que trabalharam na reconstrução de New Orleans depois da passagem do furacão Katrina, e não foram devidamente pagos, ou como muitos jovens latinos que viajam para os EUA para intercâmbios escolares, e acabam sendo alvo de programas de recrutamentos de trabalhadores para redes como, por exemplo, McDonald's.

Também fizeram críticas às bases militares instaladas pelos EUA em todo mundo, que são consideradas um território autônomo e não estão sujeitas a nenhuma regulação dos governos nacionais. Eles denunciaram que em muitas regiões vizinhas às bases, surgiram muitos casos de câncer, e que isto teria ocorrido em decorrência dos explosivos utilizados para treinamentos contendo materiais que contaminam o ar.

Os responsáveis por rádios comunitárias nos Estados Unidos falaram a respeito da crescente busca por alternativas que visem diminuir a influência da polarização nos meios comerciais, cujo principal problema enfrentado é a presença de monopólios. Em suas programações, estas rádios então utilizam como temas principais a imigração, bem como outros temas pertinentes às necessidades dessas comunidades. Os programas em espanhol, que muitas vezes são feitos pelos próprios latinos, são utilizados para a mobilização destas pessoas que estão na mesma situação.

O colombiano Gerardo Cajamarca, asilado político nos Estados Unidos, ainda ressaltou que tipo de relação pode haver entre os Estados Unidos e o governo da Colômbia, se o melhor amigo dos EUA é o presidente Álvaro Uribe, que até agora não tem conseguido explicar suas ligações com os grupos paramilitares. Estes grupos são os maiores produtores e traficantes de cocaína do mundo. Então, entrar com uma parceria com a Colômbia neste momento não seria algo ligado a uma política antiterrorista ou antidrogas e sim, uma estratégia de impor o Tratado de Livre Comércio⁶.

Assim como os demais eventos sociais ligados ao FSM, o Fórum Social Estados Unidos terminou com uma assembléia de povos e movimentos, onde foram sintetizadas todos os debates ocorridos anteriormente. E considerando as idéias gerais, em sua maior parte as intervenções reivindicavam união entre os movimentos e organizações que anseiam por mudanças na política e no comportamento que os EUA vêm apresentando no cenário internacional. O resultado é que foi marcado outro Fórum Social nos EUA para a primavera de 2010.⁷

O Fórum Social Nordeste

O II Fórum Social Nordeste aconteceu de 2 a 5 de agosto em Salvador/Ba, e contou com a participação de aproximadamente 10 mil pessoas.

Este evento, integrado ao Fórum Social Mundial, busca atingir um desenvolvimento local através de práticas de atividades como conferências, seminários, testemunhos, oficinas, feira solidária, festival das artes e forinho. Estas atividades promovem um diálogo e uma reflexão que integram toda sociedade civil na luta pela justiça social, igualdade e conquista pela soberania de todos os povos.

No segundo Fórum ocorrido, as atividades se concentraram em 6 grandes eixos estruturadores: Pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da natureza e da humanidade; Pelo acesso universal e garantia de bens e serviços públicos de qualidade que efetivem os direitos sociais, econômicos, culturais e ambientais; Por outra economia e

⁶ Gravação em áudio feita com Gerardo Cajamarca e disponível no site da agência Púlsar, em reportagem especial de cobertura do Fórum Estados Unidos com o título: "El Plan Colombia es una estrategia para imponer el TLC".

⁷ Como mostra na nota de Pulsar Brasil Agência Informativa, www.brasil.agenciapulsar.org/tapa.php, último acesso em 02 jul 2007.

desenvolvimento: democrático, solidário, socialmente justo e ambientalmente sustentável; Pela construção de estruturas políticas democráticas com participação da população nas decisões, controle social sobre os governos e democratização da comunicação; Contra a violência, por uma cultura de Paz e Solidariedade, em defesa da Auto-determinação e Soberania dos Povos; Pela Igualdade, Respeito à Diversidade, Eliminação de Todas as Formas de Discriminação e pela Garantia dos Direitos Humanos.

Apesar de o FSN ter mobilizado diversos segmentos sociais, que estão em constante luta pela promoção dos direitos econômicos, sociais e ambientais, seu grande destaque foi mesmo para transposição do rio São Francisco.

De acordo com a temática do movimento, algumas oficinas reivindicaram mudanças ou simplesmente reafirmaram sua oposição às questões como a de trabalhadores que se mostram contra a fundação estatal na gerência dos hospitais universitários; Mulheres ligadas às novas tecnologias de comunicação, mostrando a importância do papel da mulher no processo; II FSNE propondo reforma política ampla, democrática e participativa; a manifestação do Grupo Crítica Radical, que de rostos pintados protestam contra o nosso atual quadro político; a oficina do Grupo ESCUTA que falou a respeito dos grandes desafios dos movimentos sociais na atualidade nas suas formas de atuação e em suas crises de identidade.

O último dia constituiu em fóruns de luta e assembléia e o encerramento, em que foram reafirmadas as idéias dos dias anteriores, e propagado a continuação tanto do movimento quanto das lutas por modificações efetivas, na situação em se encontra o nordeste e o país como um todo.

Conclusão

No último dia do VII Fórum Social Mundial houve uma assembléia dos movimentos sociais. Esta reunião resultou em um pronunciamento final, no qual os movimentos declararam todos os seus esforços e lutas contra todas as formas de opressão e dominação. Depois também divulgaram que era o momento de avançar para as alternativas efetivas.

É exatamente neste ponto em que o processo tem encontrado maior dificuldade.

O FSM tem se utilizado de estratégias de iniciativa conjunta para oferecer resistência contra a globalização hegemônica.

Houve grande divulgação do movimento, integração e articulação com redes locais, regionais e mundiais; Foi conscientizada uma grande parcela da sociedade civil que era preciso que conhecesse e participasse do movimento; As autoridades locais acabaram por se comprometer a atuar mais ativamente nas áreas de maior necessidade da população africana (como no caso HIV/AIDS); E principalmente, foi integrado ao movimento um continente que estava à parte devido às grandes dificuldades financeiras deles de participar do processo. Um continente que historicamente é dominado, explorado e abandonado pelo modelo de política atual, pelos países ricos que sustentam seu luxo através da miséria dos mais pobres. Que representa o resultado de toda esta política.

Depois do encontro em Nairóbi, foi dada continuidade aos planos de ações circunscritos, inclusive na Guatemala e assim foi nos Estados Unidos. Articulações, conscientizações e pressão política sobre os governos, para haver mudanças reais.

Em sintaxe, em todo este tempo em que existe o Fórum Social foram introduzidas questões em nível internacional, que não eram discutidas antes.

O problema é que o processo tem surtido efeitos de maneira mais local do que global. Segundo Boaventura Sousa Santos “O fórum é vítima de seu êxito”. O que acabou criando um confronto de idéias sobre o futuro do movimento e uma crise no mesmo.

O FSM precisa encontrar alternativas que possam ser “bem recebidas” pelo capitalismo. É necessário que estas alternativas pareçam mais vantajosas para o mundo capitalista também, porque assim elas terão melhor receptividade pelos países do eixo.

Até o momento, o Fórum já conseguiu atingir alguns objetivos planejados. Do dia 23 a 26 de agosto acontece o Fórum Social Quebec, em Montreal. Será uma nova oportunidade de dar continuidade às suas realizações.

O próximo Fórum Social Mundial será em 2009, já que em 2008 haverá somente um dia de mobilização mundial, no qual vários eventos acontecerão simultaneamente em todo mundo. E apesar de qualquer crise que o processo possa estar passando, um movimento que consegue atingir um nível, em que as transformações implementadas são tão significativas, deve ser dado a ele o devido valor.

Referências

- 1- O que é o Fórum Social Mundial? **Fórum Social Mundial**. 23 jul 2004.
http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=1. Último acesso em: 9 jun 2007.
- 2- Carta de Princípios do Fórum Social Mundial. **Fórum Social Mundial**. 8 jun 2002.
http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1. Último acesso em: 9 jun 2007.
- 3- Processo FSM em 2008. **Fórum Social Mundial**. 7 mai 2007.
http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=2335&cd_language=1. Último acesso em: 9 jun 2007.
- 4- Fórum Social Mundial na África. **Fórum Social Mundial**. Seção Memória /Avaliações e outros textos – FSM 2007.
http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=balanco_fsm2007_por Último acesso em: 9 jun 2007.
- 5- Fórum Social Mundial volta ao Brasil em 2009. **Terra**. Notícias Brasil. 9 jun 2007.
<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1678118-EI306,00.html> Último acesso em 9 jun 2007.
- 6- **Agência Carta Maior**
<http://www.agenciartamaior.com.br/templates/index.cfm?alterarHomeAtual=1>
Último acesso em 9 jun 2007.
- 7- **Asociación Mundial de Rádios Comunitárias – AMARC**.
<http://wiki.amarc.org/index2.php?action=shownews&id=832&lang=ES&style=amarc&site=amarc#>. Último acesso em 6 mar 2007.
- 8- **Agência Brasil – Radiobrás**. Notícias. <http://www.agenciabrasil.gov.br/>. Último acesso em 9 jun 2007.
- 9- CHARÃO, Cristina. **Agência Repórter Social**. Movimentos Sociais.
<http://www.reportersocial.com.br/noticias.asp?id=1337&ed=movimentos%20sociais> Último acesso em 6 mar 2007.
- 10- **Folha Online**. Fóruns Globais.
<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/especial/2007/forunglobais/> Último acesso 30 jan 2007.

11- Grajew, Oded. **Instituto Ethos.**

<http://www.ethos.org.br/DesktopDefault.aspx?Alias=Ethos&Lang=pt-BR> . Último acesso em 9 jun 2007.

12- **O Estado de São Paulo.**

<http://busca.estadao.com.br/JSearch/CBQM!cBQM.action?e=&s=Forum+Social>+ Último acesso 28 jan 2007.

13- Pronunciamento final de la Asamblea de los Movimientos Sociales: Luchas africanas, luchas globales. **Rádio Mundo Real.** <http://www.radiomundoreal.fm/rmr/?q=es/node/21336>. Último acesso em 27 jan 2007.

14- ARNAUD, A.; Junqueira, E. (organizadores). **Dicionário da Globalização.** Direito, Ciência Política. Rio de Janeiro.2006. Lúmen Juris, p. 227.